

VOZES DA



JUVENTUDE

Levando um lero

É com grande satisfação que apresentamos a mais nova edição do Folhetim do Coletivo de Juventude da CONTRACS, "Vozes da Juventude", uma iniciativa que tem como objetivo trazer à tona os temas mais relevantes e urgentes para a nossa realidade. Como Secretária da Juventude, acredito firmemente que o conhecimento e a conscientização são ferramentas poderosas na luta por nossos direitos e na construção de um futuro mais justo e igualitário.

Este folhetim foi elaborado com o intuito de proporcionar uma visão ampla e aprofundada sobre os desafios e as oportunidades enfrentadas pela juventude trabalhadora brasileira. Nessa edição, abordaremos questões que vão desde as novas dinâmicas do mercado de trabalho, como o

crescimento do trabalho informal e por aplicativos, até os impactos da síndrome de burnout, um problema cada vez mais comum entre os jovens trabalhadores.

Nosso objetivo é fornecer informações práticas e teóricas que possam orientar e fortalecer o movimento sindical, especialmente no ramo de comércio e serviços, que concentra uma grande parte da nossa juventude trabalhadora. Além disso, buscamos incentivar medidas, meios, exemplos, discussões, debates e pesquisas que possam contribuir para a melhoria das condições de trabalho e a garantia dos nossos direitos.

Acreditamos que, ao nos unir e compartilhar conhecimentos, podemos enfrentar as adversidades e lutar por um futuro mais digno

para todos. Convidamos você a explorar este folhetim participar das discussões e se engajar ativamente no Coletivo da Juventude da Contracs.

Juntos e juntas, somos mais fortes!



Gacyella de Silva Lima
Secretária de Juventude da Contracs

Juventude trabalhadora

desafiando
o mito da

Geração Nem-nem



De acordo com artigo publicado pelo Poder 360 em maio desse ano, no Brasil, atualmente, 4,6 milhões de jovens de 14 a 24 anos não estudam, não trabalham e tampouco estão procurando emprego. Este número representa uma leve diminuição em comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, quando eram 4,8 milhões. Os dados, fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e levantados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, foram divulgados pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) em maio de 2024 e estimularam um fenômeno do jornalismo brasileiro voltado à terminologia conhecida como “Geração Nem-Nem”.

Segundo o governo federal, 65% dos jovens que não estudam e não trabalham são mulheres com filhos pequenos e 68% são negros. Esses dados são reveladores e nos convidam a refletir sobre a realidade complexa enfrentada por esses jovens. Atualmente, existem 34 milhões de adolescentes e jovens no Brasil, e dentre eles, 14 milhões estão ocupados, enquanto 12 milhões se dedicam exclusivamente aos estudos. Desse modo, é crucial entender que os 4,6 milhões de jovens na situação “nem-nem” não estão nessa condição por escolha, mas sim por falta de oportunidades. O termo “geração nem-nem” frequentemente usado pela mídia e por setores da sociedade, sugere uma falta de vontade ou interesse por parte dos jovens, culpabilizando-os por sua situação. No entanto, essa narrativa ignora as barreiras estruturais que impedem muitos jovens de acessar o mercado de trabalho e a educação.

Barreiras estruturais

- **Desigualdade de Gênero e Raça:** Como evidenciado pelos dados, a maioria dos jovens na condição “nem-nem” são mulheres negras, muitas delas com filhos pequenos. Isso reflete uma sociedade que ainda não oferece suporte adequado para a maternidade e enfrenta profundas desigualdades raciais.
- **Informalidade e Precariedade no Trabalho:** 45% dos jovens que trabalham estão na informalidade. Isso indica a dificuldade de acesso a empregos formais e de qualidade, o que compromete a estabilidade financeira e o desenvolvimento profissional dos jovens.
- **Desafios na Educação:** Muitos jovens não conseguem concluir o ensino médio, o que dificulta ainda mais sua inserção no mercado de trabalho. A falta de políticas públicas eficientes para manter esses jovens na escola contribui para esse cenário.

Apesar dos desafios, há sinais positivos. Em 2024, o Brasil alcançou a marca histórica de 602 mil jovens aprendizes contratados, sendo que 63% desses profissionais são adolescentes de até 17 anos. Além disso, o número de estagiários cresceu 37% em relação ao ano anterior, totalizando 877 mil.

Todavia, a juventude brasileira enfrenta uma realidade marcada por desafios profundos, mas atribuir-lhes a culpa por uma situação criada por um sistema desigual é uma injustiça. Em vez de rotular esses jovens como “nem-nem”, é essencial reconhecer e abordar as barreiras estruturais que limitam suas oportunidades. Somente através de políticas públicas inclusivas e do comprometimento com a igualdade social e racial, poderemos garantir um futuro justo e promissor para todos os jovens brasileiros.

É fundamental que o sindicalismo acompanhe as novas maneiras da mídia de culpabilizar o trabalhador, especialmente no movimento sindical do ramo de comércio e serviços, que abriga grande parte da massa trabalhadora jovem, precarizada e informal. Defender os direitos desses trabalhadores e combater narrativas injustas são passos essenciais para construir uma sociedade mais equitativa e justa.

Texto: Gleice Kelly Rodrigues

Fonte: “Brasil registra 4,6 mi de jovens nem-nem no 1º tri, queda de 0,8%”, Poder 360.

Informalidade e trabalho por aplicativos da juventude brasileira



A juventude brasileira enfrenta um cenário de profundas transformações no mercado de trabalho, marcado pela crescente informalidade e pela popularização das plataformas digitais. No quarto trimestre de 2022, o Brasil registrava 1,5 milhão de pessoas trabalhando por meio de aplicativos de serviços, representando 1,7% da população ocupada no setor privado, que chegava a 87,2 milhões de pessoas. Estes dados, provenientes do inédito módulo Teletrabalho e Trabalho por Meio de Plataformas Digitais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, ressaltam a importância de entender essa nova dinâmica laboral.

O trabalho informal assume diversas formas, desde o tradicional comércio ambulante até as novas modalidades introduzidas pelas plataformas digitais. Entre os trabalhadores de aplicativos, 52,2% (778 mil) exerciam o trabalho principal por meio de aplicativos de transporte de passageiros, seja de táxi ou de transporte particular. Dentro deste grupo, 47,2% (704 mil) eram motoristas de transporte particular (excluindo táxi) e 13,9% (207 mil) de táxi. Além disso, 39,5% (589 mil) dos trabalhadores de aplicativos realizavam entregas de comida, produtos e outros itens. Outros 13,2% (197 mil) prestavam serviços gerais ou profissionais por meio de plataformas digitais. É importante destacar que muitos trabalhadores atuam em mais de uma categoria de aplicativos, ampliando sua renda, mas também intensificando sua jornada de trabalho.

A popularização do trabalho por aplicativo tem se apresentado como uma alternativa para muitos jovens que encontram dificuldades em acessar empregos formais. Esta modalidade oferece flexibilidade e a possibilidade de ganhos imediatos, atraindo principalmente aqueles que precisam conciliar trabalho com estudos ou outras atividades. Contudo, essa alternativa vem acompanhada de precariedade e falta de direitos trabalhistas. A informalidade implica em ausência de garantias como férias remuneradas, 13º salário, previdência social e condições de trabalho dignas. Os jovens trabalhadores de aplicativos, muitas vezes, enfrentam jornadas extenuantes, riscos à saúde e segurança, além de instabilidade financeira.

Diante desse cenário, o papel do sindicalismo torna-se ainda mais relevante. No ramo de comércio e serviços, que abriga uma grande parte da massa trabalhadora jovem, precarizada e informal, é crucial que os sindicatos se mobilizem para defender os direitos desses trabalhadores. Acompanhando as novas formas de trabalho e as maneiras como a mídia e a sociedade culpabilizam o trabalhador, o movimento sindical deve lutar por condições de trabalho dignas, segurança e inclusão dos trabalhadores de aplicativos e informais nas proteções e benefícios garantidos aos trabalhadores formais.

É de suma importância que os sindicatos pressionem seus legislativos por regulamentações que assegurem direitos básicos, promova campanhas de conscientização sobre os riscos e desafios do trabalho informal e apoie a organização coletiva desses trabalhadores. Somente através da união e do fortalecimento do movimento sindical, será possível combater a precarização e construir um futuro mais justo e equitativo para a juventude trabalhadora brasileira.

Texto: Gleice Kelly Rodrigues

Fonte: Agência IBGE Notícias



Aplicativos mais usados para trabalho por plataformas

1. Uber



Tipo de Serviço: Transporte de Passageiros

Funcionamento:

- Conecta motoristas parceiros a passageiros que precisam de transporte.
- O aplicativo calcula automaticamente o preço da viagem com base na distância e no tempo.
- Os motoristas recebem uma porcentagem do valor pago pelo passageiro.

2. iFood



Tipo de Serviço: Entrega de Comida

Funcionamento:

- Conecta entregadores a restaurantes e clientes.
- Os entregadores recebem pedidos através do aplicativo e são responsáveis por retirar e entregar os alimentos.
- Os entregadores são pagos por pedido entregue, com adicionais para distâncias maiores e condições adversas.

3. Rappi



Tipo de Serviço: Entrega de Comida, Produtos e Serviços Diversos

Funcionamento:

- Conecta entregadores a uma variedade de serviços, incluindo entrega de comida, compras de supermercado e serviços de conveniência.
- Os entregadores recebem pedidos pelo aplicativo e realizam as entregas conforme solicitado.
- Os ganhos são calculados por entrega, com adicionais por distância e demanda.

4. 99 Táxi



Tipo de Serviço: Transporte de Passageiros e Entrega de Produtos

Funcionamento:

- Conecta motoristas e entregadores a passageiros e clientes.
- Oferece serviços de transporte particular, táxi e entregas rápidas.
- Os motoristas e entregadores recebem uma porcentagem do valor pago pelos serviços.

Você sabe o que é Burnout?



A **Síndrome de Burnout**, também conhecida como esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico caracterizado por um estado de exaustão emocional, física e mental, resultante de condições de trabalho desgastantes. Esse fenômeno tem se tornado cada vez mais comum em diversos setores, especialmente no contexto do capitalismo moderno e do trabalho informal por aplicativos.

O Que é a Síndrome de Burnout?

A síndrome de burnout é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um fenômeno ocupacional. Seus principais sintomas incluem:

Exaustão: Sensação de cansaço extremo que não melhora com repouso.

Cinismo e despersonalização: Sentimentos de desapego e negatividade em relação ao trabalho e aos colegas.

Redução da eficácia profissional: Sensação de incompetência e falta de realização no trabalho.



O trabalho informal e por aplicativo tem crescido exponencialmente, oferecendo uma alternativa de renda para muitos. No entanto, essas modalidades de trabalho apresentam características que potencializam o risco de burnout:

Falta de proteção trabalhista:

Trabalhadores informais e por aplicativos geralmente não têm acesso a direitos básicos, como férias remuneradas, licença médica e previdência social, aumentando a vulnerabilidade ao esgotamento.

Instabilidade financeira:

A remuneração variável e a ausência de garantias de renda estável criam uma pressão adicional, forçando os trabalhadores a longas jornadas para garantir o sustento.

Isolamento e desumanização:

A natureza individualizada do trabalho por aplicativo pode levar ao isolamento social, enquanto a interação limitada com outros trabalhadores e empregadores pode resultar em desumanização e despersonalização.

Exposição a riscos:

Entregadores e motoristas de aplicativos, por exemplo, estão expostos a riscos físicos, como acidentes de trânsito, e a condições adversas de trabalho, como violência urbana e condições climáticas desfavoráveis.

Entre vista

Carina Trindade

Presidenta do Sindicato de Motoristas por Aplicativos do Rio Grande do Sul



O que o trabalho por aplicativo indica sobre fase do capitalismo que estamos vivendo?

O trabalho por aplicativo, muitas vezes referido como parte da "gig economy", é um indicativo das mudanças estruturais significativas no capitalismo contemporâneo. Principais características: flexibilidade (permite ao trabalhador escolher quando e onde trabalhar) e precariedade do trabalho (insegurança econômica, falta de benefícios trabalhistas tradicionais, como seguro saúde e aposentadoria, e o trabalhador não se sente trabalhador), descentralização (as plataformas conectam diretamente consumidores e prestadores de serviço sem intermediários, reduzindo os custos e aumentando a eficiência) e desregulamentação (evitam regulamentações locais, no caso de apps municipais), tecnologia (marcada por avanços tecnológicos, especialmente smartphones e uso de IA) e automação (privacidade e controle à medida que os trabalhadores são monitorados e avaliados através de algoritmos), fragmentação do mercado de trabalho (o número alto de trabalhadores depende de múltiplas fontes de rendas e tarefas temporárias, aumentando a competitividade entre os trabalhadores, baixando os salários e provocando desigualdades econômicas), empreendedorismo (muitos trabalhadores se sentem empreendedores e as plataformas os fazem acreditar nisso) e autonomia (falsa autonomia, sendo que a maioria dos trabalhadores recorre aos aplicativos por falta de

alternativas) e impacto global e local (as grandes plataformas atuam globalmente, mas os impactos são locais, alterando a economia local e o tráfego urbano com o aumento de veículos nas ruas).

Ou seja, o trabalho por aplicativo é um reflexo das tendências atuais do capitalismo, caracterizadas por inovação tecnológica, flexibilização do trabalho, desregulamentação e uma crescente tensão entre eficiência econômica e equidade social.

Nos últimos cinco anos, como você enxerga a movimentação legislativa do Brasil em relação à proteção dos direitos trabalhistas dos trabalhadores por aplicativos?

Na realidade, não temos uma legislação específica que regulamente o trabalho de aplicativos. Temos uma lei que libera as plataformas para explorar o trabalhador em qualquer parte do país, em qualquer cidade, mas a regulamentação ficou a cargo dos municípios, e cada município fez do seu jeito. Resultado: uma salada de frutas, onde cada cidade exige uma coisa dos trabalhadores e das plataformas. Resumindo, não temos muitas cidades com leis específicas. Foram cinco anos de luta por regulamentação específica para a categoria, até o atual governo assumir e montar o GT dos aplicativos.

Você acredita que a precarização do trabalho por plataformas está relacionado

ao crescimento de doenças psicoemocionais na juventude brasileira? De que maneira?

Acredito, sim, que o trabalho por aplicativo tem uma relação muito grande com o aumento de doenças psicoemocionais na juventude, pois a maioria dos trabalhadores em apps (sejam motoristas ou entregadores) são jovens. Como aponta a pesquisa do IBGE, 48,4% têm entre 25 e 39 anos. Muito disso se deve à carga horária exaustiva, problemas com clientes, baixa remuneração e outros fatores.

Como você enxerga a relação da juventude trabalhadora brasileira com trabalho por aplicativos?

Enxergo que é um grande desafio para a juventude brasileira o trabalho por aplicativo, pois cria falsas esperanças nos jovens. Ele inicia no aplicativo trabalhando pouco e ganhando bem, mas com o tempo vai parando de receber chamadas e pedidos, a remuneração automaticamente vai caindo e ele começa a trabalhar mais horas e ganhar menos. Ele entra achando que é empreendedor, dono do próprio negócio, e com o tempo começa a ver que foi iludido.

Como acha que o movimento sindical deve se comportar em relação ao crescimento do pensamento neoliberal que afasta os trabalhadores dos sindicatos?

Talvez esse seja o maior desafio do movimento sindical: como chegar aos trabalhadores enquanto sindicato. A maioria dos trabalhadores é de direita e extrema direita, e já tem o pensamento de que sindicato não presta. Mas é através de muito trabalho, de buscar melhorias e direitos para a categoria, que vamos aos poucos reconquistando essa galera. Não tem mágica, tem muito trabalho, formação da diretoria e muito debate com os trabalhadores sobre a atuação do sindicato. A luta por direitos é a saída.





contracs



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS
TRABALHADORES NO COMÉRCIO E SERVIÇOS